

Stadium

O progresso do SPORTING!

Ao sr. dr. Ribeiro Ferreira, activo presidente da Direcção do Sporting C. P., deve a importante agremiação desportiva admiráveis iniciativas. O dinamismo do snr. Dr. Ribeiro Ferreira está sempre ao de cima, gritante, e aqui o vemos, assim, ao microfone, falando aos seus consócios durante o primeiro acto da inauguração do «Estádio de José Alvalade» — um homem do passado



N.º 241

16 DE JULHO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

O Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

CONTA-GOTAS

A Associação de Braga, um distrito que marca, além de outros aspectos, no capítulo de futebol, continua a ter dois representantes na Grande Prova, mas o Famacião saiu e entrou o Sporting de Braga.

Um dia, n.º ano passado, o sr. dr. Alberto Cruz levou-nos a ver a construção do magnífico estádio da sua querida terra.

Já se vislumbra o que viria a ser essa grande obra desportiva! Mas nunca mais visitámos o campo, e não sabemos do estado em que se encontram as obras. Justamente, há pouco tempo, disseram-nos que a construção das bancadas tinha sido adjudicada a um construtor — o que indicava conclusão mais ou menos imediata.

E' preciso, na verdade, que Braga, metida na Primeira Divisão, tenha o seu Estádio pronto, animando a gente de fora a deslocar-se àquela cidade e dando ao mesmo tempo aos grandes jogos o ambiente próprio. Braga marcará um lugar proeminente por intermédio do seu famoso Estádio. E' preciso acelerar o ritmo das obras!

Williams, o árbitro inglês que dirigiu o jogo Atlético de Bilbao-Vasco da Gama, na Corunha, contou em Espanha que os jogadores ingleses encontraram um meio curioso de combater as multas aplicadas pelos Organismos e Clubes.

Como os jogadores deixam de

receber o ordenado, desde que punidos, eles formaram uma Mutua de Seguros, especialmente com o objectivo de lhes ser pago o soldo dos castigos.

Corria tudo às mil maravilhas... E os jogadores deixaram de recear as penas. Mas, segundo parece, a Federação acha a medida dos jogadores pouco desportiva, mesmo com aspectos de indisciplina, e lá se vai a iniciativa por água abaixo... Os jogadores terão de descobrir outro processo de combate à multa.

Todos sabemos que os jogadores portugueses, posto que sujeitos aos duros esforços exigidos por épocas sobrecarregadas de jogos, sem um domingo de tranquilidade, não têm a preparação devida no aspecto de cultura física. O nosso jogador gosta do treino técnico, com a bola nos pés, e de exercícios com a bola, mas abomina os exercícios físicos (mesmo porque alguns deles ficam mais extenuados no fim de uma lição de ginástica do que de um encontro de futebol!).

Deste modo, chegam aos últimos encontros da temporada verdadeiramente exaustos. Assim, torna-se necessário, no nosso país, mais do que noutro qualquer, que se respeite o defeso, a época salutar de repouso. Bem sabemos que isto se diz todas as épocas, e sempre se transige. Não importa. Água mole em pedra dura tanto dá até que jura...

CORRE QUE...

O Benfica cuida activamente de reforços para o seu grupo de honra. Rosário e Massano, do Elvas, estão seguros. Em compensação, já se não passaria para a filial de Elvas, jogando ao lado de Patalino, firme como rocha no seu clube.

♦ O Lusitano, com a sua entrada na Primeira Divisão, foi buscar ao mesmo tempo pesados encargos. Mas o entusiasmo em Vila Real excede as expectativas. E a gente local estuda o caso e procura resolvê-lo...

♦ Capela, no fim do cumprimento da pena, passará para o Sporting — Azevedo continuará no seu posto — cedendo este clube o seu avançado-centro, Sidónio, ao Belenenses.

♦ Pacheco, o magnífico médio-centro do Académico, virá para o Benfica, mas Calado continuará no Boavista.

♦ Na assembleia geral do Atlético, que hoje se efectua, a ordem de trabalhos inclui esta notícia palpitante: aquisição de novos atletas!

♦ No começo da próxima temporada haverá uma amnistia aos jogadores, ficando apenas de fora as agressões a árbitros.

♦ Os espanhóis tencionam preparar-se cuidadosamente para o próximo Portugal-Espanha, em Março, que, além do seu carácter de revanche, parece ser o único jogo internacional que têm projectado.

♦ O Benfica pediu ao Belenenses, como reforço, para o Brasil, dois jogadores, Feliciano e Serafim, mas o Belenenses não deu a autorização pedida, o que deve fillar-se em casos similares no passado e em combina-

Treinadores portugueses

Ainda outro dia nos referimos à obrigação de aproveitar os valores portugueses que se têm dedicado, ou ainda dedicam, à função de treinar, ensinar e preparar jogadores. Há pessoas, alguns antigos elementos, que, já com provas prestadas, desanimam e mudam de rumo por não serem aproveitadas convenientemente.

Vêm para Portugal estrangeiros que, sem grandes méritos, aqui organizam a sua vida e são constantemente solicitados. Há portugueses que, com manifestas qualidades, dificilmente singram na vida de treinador.

Sabemos, por exemplo, que, neste momento, não tem clube para treinar o antigo jogador do Sporting, Rui de Araújo, que vive em Braga. Trata-se de um homem idóneo, competente e dedicado, que, na realidade, pode prestar grandes serviços ao futebol e por isso aqui lembramos o seu nome.

O Benfica não conseguiu os reforços necessários, e daí não se ter efectuado a projectada deslocação ao Brasil. A permissão oficial só era válida desde que o popular clube lisboeta se pudesse apresentar em condições de fazer figura honrosa.

Os principais clubes de reforço, Belenenses e Académica, responderam negativamente. (O Sporting não foi requerido).

Fala-se agora na deslocação do Sporting, mas, embora por outras causas, estamos convencidos que não se deslocará ao Brasil, neste defeso, qualquer grupo português.

Os três clubes, Benfica, Sporting e Belenenses, devem juntar-se e empreender juntos a viagem no próximo defeso. Mas essa deslocação será tratada com o devido tempo e todas as cautelas.

ções feitas pelos clubes no que toca a viagens ao Brasil.

♦ A vinda do Vasco da Gama a Portugal deixou um rasto de duzentos contos, mais ou menos, a repartir pelo "Século" e por cada dos três clubes. A visita do Vasco, que, em condições normais, seria um êxito financeiro, sofreu a perniciosa influência do Portugal-Inglaterra e da realização de muitos desafios internacionais na época finda.

Há resposta para tudo...

P. 509 — A Inglaterra, esse grupo famoso que venceu Portugal, já foi alguma vez campeão do Mundo? (Desportista que admira os ingleses).

R. 509 — A Inglaterra classificou-se em primeiro lugar nos Jogos Olímpicos de 1908 e 1912, os primeiros que se realizaram.

Depois, não voltou a participar em qualquer campeonato mundial, mas diz-se que participará naquele que vai disputar-se no Brasil.

P. 510 — O campo do Sporting não ficará o melhor do país? (Um «leão» até ao fundo).

R. 510 — Pondo de lado o Estádio Nacional, que é do país e não de qualquer clube, pode dizer-se que o campo do Sporting é o n.º 1. Grande obra!

P. 511 — Qual é a diferença que há entre Delegações e Filiais dos Clubes Grandes? (Um do Benfica até morrer).

R. 511 — As Filiais envergam a mesma equipa; enquanto que as Delegações podem usar outra camisola.

P. 512 — O Botafogo virá a Portugal na próxima época? (D. B. C., do Porto).

R. 512 — Sem dúvida. Há um contrato firmado nesse sentido entre o clube brasileiro e os Três Grandes de Lisboa.

REFORÇOS para os clubes

Todos os clubes, e principalmente os mais importantes, dispoem de grandes possibilidades, procurando por meio de transferências reforçar as suas fileiras. É natural. Os clubes sentem a necessidade de melhorar os *teams* — que tanto influenciam a sua vida! — e uma obra profunda não se pode fazer de um dia para o outro. Meio mais simples e útil, de momento: a transferência.

Geralmente, os clubes mais modestos e espalhados pelo país dão a sua contribuição. Das nossas Colónias também vêm, por vezes, reforços.

E até do Brasil, como agora! Dizem-nos haver chegado para o F. C. do Porto dois jogadores do Brasil, mas portugueses de nacionalidade. Só desejamos uma coisa: que o reforço seja verdadeiramente reforço!

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Pagamento adiantado

Gusto por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » »	65\$00
12 » »	130\$00

Stadium

A inauguração do «Estádio José Alvalade»

exprime a modelar orientação e a obra grandiosa do SPORTING

O Sporting está a viver um grande momento da sua Vida. A juntar ao comportamento brilhante dos seus atletas em campo, a obra meditada e realizada pelos seus dirigentes é qualquer coisa de notável! Raramente se tem dado, na vida desportiva, um exemplo tão pujante: todas as forças e elementos sportingistas, numa acção de conjunto, dirigem-se hoje para o mesmo fim, o engrandecimento do clube. E de tal modo, que desapareceram os mal-entendidos e as facções... O sr. dr. António Ribeiro Ferreira, rodeado de excelentes auxiliares, conseguiu elevar o clube, pondo ordem na casa, brilhando os atletas nas variadas competições, e ganhando prestígio externamente.

Com esta base, sólida e segura, pôde a Direcção dedicar-se às realizações práticas, não vivendo de sonhos e fantasias. A máxima de actos e não palavras tem aqui inteira aplicação. Do velho campo do Lumiar, já insuficiente para as necessidades presentes, resurgiu com «Estádio José Alvalade» que está em paralelo com o desenvolvimento do Desporto, e que tão necessário era ao grande clube lisboeta. De uma acanhada Secretaria passou o clube para uma Sede, ampla e confortável, com todos os requisitos de atracção, que se destina a estreitar os laços de estima e solidariedade entre os associados, numa obra de essência clubista. E tudo isto se fez, sem se descuidar um minuto sequer a preparação dos atletas e a representação do Sporting. Uma força invisível mas poderosa — o amor do clube — uniu todos: dirigentes, jogadores, praticantes e adeptos. A carreira de ascensão vertiginosa que está a descrever o Sporting não ficará por aqui, e sabemos que há pro-

jectos entre mãos que são a resultante lógica do que já está feito. A Obra não para!

Na verdade, não poderia haver melhor data para a inauguração (simbólica, como se diz, mas a verdade é que todas as inaugurações têm simbolismo) do «Estádio José Alvalade» do que o facto das festas de comemoração do 41.º aniversário.

As entidades oficiais, com a sua presença, quisera significar o apreço em que o clube é tido. Estiveram presentes no acto de inauguração os srs. prof. Leite Pinto e eng. Veiga da Cunha, respectivamente sub-secretários da Educação Nacional e das Obras Públicas, prof. André Navarro, dr. Mário Madeira, coronel Sacramento Monteiro, e inspectores cap. António Cardoso e drs. Salazar Carneira e Ayala Boto. Também assistiram os srs. dr. Cyro Aranha, os dirigentes brasileiros de basquete e jornalistas daqueles paí.

Certamente, para os sportingistas, o acto teve mais emoção. Alguns olhos arrasaram-se de lágrimas, que não eram de tristeza, mas de alegria. Mas para todos os desportistas representou igualmente uma cerimónia impressionante.

O novo estádio é fechado, num

belo efeito. O peão alargado. Maiores perspectivas. Acesso rasgado. Estudo consciencioso dos menores detalhes. Foram construídas duas bancadas de topo. As entradas são em tunel, três em cada lado.

O rectângulo de jogo é uma maravilha! A pista de atletismo foi construída segundo os mais modernos princípios, e a de ciclismo também é perfeita. O eng. Mário Barata dirigiu as obras, auxiliado por Manuel Nunes Henriques e Tomás de Oliveira.

As entidades desportivas, Federações, Associações e Clubes, associaram-se à inauguração. O presidente da Direcção, sr. dr. Ribeiro Ferreira, no seu discurso, deu a todos o necessário quinhão de alegria, aludindo a parte que cada um teve na obra comum. O conhecido dirigente quis significar, expressivamente, que o Sporting não é ingrato e sente o bem que os outros lhe fazem!

O festival desportivo não tinha, como facilmente se compreende, grande interesse desportivo. Era um simples motivo para o simbolismo da inauguração. Em todo o caso, houve grandes ovações: o clube mostrou muito querer às suas grandes figuras e aos que dedicadamente o representam. O

dr. Ribeiro Ferreira, Jorge Vieira, Alvaro Cardoso e outros foram premiados com emocionantes ovações. Tão justas, que todos se associaram!

Os campeões de ciclismo, assim com os atletas sportingistas apareceram em campo numa fugidiva aparição, mas o suficiente como demonstração do eclectismo do clube em matéria desportiva.

No tapete de relva jogaram as categorias de honra e de juniores, e a relva sentiu-se pisada por pés amigos. A entrega das taças e de medalhas aos grupos de futebol foi o momento do maior entusiasmo. Alvaro Cardoso entregou um ramo de flores à sobrinha de José Alvalade, o patrono do Estádio.

A noite, no amplo ginásio do clube realizou-se o banquete oferecido pelo clube aos seus campeões. Dir-se-ia não ter havido interrupção. A mesma alegria, emoção e entusiasmo verificados no campo fizeram-se sentir no banquete, que foi uma verdadeira festa de exaltação clubista.

Tudo simples, luminoso e cintilante. O Sporting marcha com passos seguros, fazendo uma grande obra no presente que é a melhor forma de honrar o passado.

BASQUETEBOL

Antes das exhibições dos brasileiros

O Clube de Futebol «Os Belenenses» é, sem dúvida, uma das colectividades portuguesas que maior carinho e atenção têm dedicado ao basquetebol.

Desde a organização de torneios particulares e de excursões de propaganda até à recente e arrojada iniciativa de apresentar no nosso país a fortíssima equipa da Confederação Brasileira, o Belenenses tem procurado, por todos os meios ao seu alcance, contribuir para a valorização e expansão da modalidade, indiferente, não poucas vezes, aos prejuízos materiais que essa organização podem acarretar-lhe.

Porém, o magnífico esforço dos «azuis» nem sempre tem sido bem compreendido e, lamentavelmente, é muito possível que os seus dirigentes, em face dos constantes dissabores, acabem por abandonar o acertado caminho que vêm trilhando, remetendo-se a uma cómoda posição de expectativa e esperando que outros clubes tomem o lugar que eles agora, com tão clara visão, estão defendendo.

Porque é necessário que todos

nos convençamos de que o basquetebol precisa de muitas iniciativas semelhantes à do Belenenses para poder sair do acanhado âmbito em que tem vivido.

Falta de contacto internacional e falta de técnicos conscientes e conhecedores — eis dois dos grandes males do basquetebol português...

Dificuldades de ordem material obrigam-nos a guardar para o próximo número da nossa revista a apreciação das exhibições feitas pelos brasileiros, em Lisboa.

Hoje, portanto, apenas daremos notícia das diversas cerimónias com que o Belenenses obsequiou os nossos ilustres hóspedes, nos dias que antecederam os encontros.

Chegados a Lisboa, no dia 13, a bordo do paquete «D. Pedro II», os brasileiros instalaram-se no «Francfort» do Rossio e, durante o primeiro dia, procuraram retemperar as energias perdidas naquela inactividade de quase três semanas sobre o mar. A tarde de quarta-feira, 14, foi reservada para as indispensáveis vi-

sitas de cortesia aos Srs. Presidente da Câmara Municipal e Director Geral dos Desportos e às redacções de alguns jornais da capital.

No dia seguinte, os atletas cariocas, sempre acompanhados pelos seus dirigentes e por directores do Belenenses, também, visitaram os pontos mais pitorescos de Lisboa, o Estádio Nacional, o Estoril, etc. Neste breve passeio, de algumas horas, os nossos amigos de além-mar tiveram ocasião de apreciar a perene e sedutora beleza da nossa sempre linda Lisboa e prestaram justa e sincera homenagem ao magnífico e majestoso conjunto do Vale do Jamor.

A noite, no campo do Lisgaz, os brasileiros fizeram o seu primeiro treino, na presença de escassas dúzias de pessoas e, pelo que mostraram saber, imediatamente nos convenceram da sua extraordinária classe. Igualmente, nessa noite, os dirigentes portugueses e brasileiros reuniram-se num jantar íntimo, durante o qual se trocaram amistosos brindes e saudações.

Na sexta-feira, dia 11, o Bele-

nenses obsequiou os nossos hóspedes com uma excursão a Alcobaça e Batalha, dando-lhes, assim, ocasião de conhecerem uma região que, pelos seus monumentos e tradições, está intimamente ligada a alguns dos mais valiosos feitos que a História de Portugal regista.

Para este passeio, houve a amabilidade de convidar os representantes dos jornais e, mercê disso, tivemos oportunidade de passar algumas horas em intenso e agradável convívio com simpáticos desportistas brasileiros.

Logo nos primeiros momentos, verificámos que estávamos tratando com verdadeiros amigos, quase compatriotas... E essa convicção, passada alguns quilómetros, transformou-se em certeza, pois a simplicidade, sem afectação, dos brasileiros, cativou-nos, completamente.

Na atraente Pousada de S. Martinho do Porto, foi servida a primeira refeição, diante de surpreendente panorama, que termina, lá longe, com a fita azul do Atlântico. Nesta paragem, surgiu a grande revelação do dia: Guilherme — o atlético avançado centro da equipa — cantou, admiravelmente, em voz dolente e repassada de saudade, algumas maravilhosas canções da sua Pátria distante.

Monteiro Poças

OS BRASILEIROS

MESTRES DE BASQUETEBOL EM PORTUGAL



Os dirigentes, técnicos e árbitros da Confederação Brasileira de Basquetebol. Os jogadores, nesta altura, estão a descansar

VIMOS um treino dos brasileiros da Confederação de Basquetebol. Ficamos verdadeiramente impressionados! Na verdade, os portugueses iriam apreciar uma equipa de grande classe, como por certo nunca viram, pese à classe dos espanhóis e dos franceses que já mediram forças com os grupos representativos do nosso país.

Não nos devemos enganar muito! A equipa da Confederação Brasileira de Basquetebol deverá deixar em Portugal muitos adeptos e talvez não falte quem pense na distância que separa as duas escolas... O basquetebol do Brasil — escrevemos antes do seu primeiro jogo em Lisboa — se as críticas não enganam e o seu treino corresponde às possibilidades da selecção enviada à Europa, talvez nos venha demonstrar que alguns elementos rodeados de intenso reclame, em Portugal, não passam de vulgares praticantes. Que perdemos muito tempo a envolver nomes com objectivos de toda a espécie — esquecendo-se que não será por aqui o caminho capaz de conduzir o basquetebol português à perfeição.

A brincar, numa sessão preparatória, uma coisa ficou assente em nosso espírito: — os brasileiros são prodigiosos. Altos, ginasticados, dando constantes provas do seu virtuosismo, deixando-nos surpreendidos no seu primeiro treino, no Palácio dos Desportos, e por certo sucederá assim no decurso dos jogos que efectuarão em Lisboa e no Porto. Parece que não devemos ter ilusões. O nosso basquetebol está muito longe da classe brasileira, em conjunto e individualmente — a menos que nos tenham enganado no treino...

Mas oxalá não tenha sucedido assim. Veremos, pelo menos, jogar bem. Excelentemente.

Após o treino pudemos ouvir também opiniões que devem confirmar a impressão colhida no Palácio dos Desportos. O dr. Adherbal Carneiro Ribeiro, chefe da Delegação, na sua qualidade de vice-presidente da C. B. de B., é uma figura da melhor categoria e já praticou basquetebol no Brasil. Chegou a campeão. Formado em direito, foi o dr. Adherbal Carneiro Ribeiro escolhido para vir à Europa como dirigente e como enviado da América do Sul a uma conferência com elementos da Federação Internacional.

Encontra-se instalado com toda

a embaixada no Francfort do Reno. Nos últimos dias todos os componentes do grupo foram obrigados a rigoroso estágio, não porque esses cuidados fossem necessários à sua vitória sobre os portugueses, — mas porque a disciplina obriga a estes «sacrifícios» e os brasileiros querem deixar na Europa a melhor impressão...

— Conhece o basquetebol português? — perguntámos ao dr. Adherbal Carneiro.

— Não. Simples referência. Cuido que será valeroso. E oxalá que isso aconteça. Pela nossa parte procuraremos agradar. Trazemos gente para isso.

— A vossa equipa tem a confiança do povo brasileiro?

— Absolutamente. O grupo da Confederação, formado por Adílio Soares de Oliveira, do Vasco, campeão carioca de 1946, campeão brasileiro de 1939 e 1945 e vice-campeão em 1947; Francisco de Moraes Lemos, do Altiados do Campo Grande, campeão carioca de 1940 e 1941, campeão brasileiro de 1944, campeão sul-americano de 1945 e internacional; Cayrily de Castro, do Minas de Belo Horizonte, campeão brasileiro de 1947, internacional e 2.º do campeonato sul-americano; Afonso Evora, do Botafogo, tri-campeão carioca de 1943 a 1945, internacional e vice-campeão sul-americano e brasileiro de 1947; dr. Amim Bedran, médico, do Prata das Flechas, de Niteroy, campeão fluminense em 1942, campeão brasileiro universitário de 1945 e 1946, campeão sul-americano em 1945, vice-campeão em 1947 e internacional;

Eugénio Chieragatti, da Associação Desportiva de S. Paulo, tri-campeão brasileiro de lance livre, bi-campeão gaullista e vice-campeão sul-americano em 1942, internacional; Guilherme Rodrigues, do Botafogo, campeão carioca de 1942 a 1945, campeão brasileiro de 1938 a 1944, vice-campeão brasileiro e sul-americano em 1947, internacional; dr. Plutão de Macedo, médico, do Clube Minério de Belo Horizonte, campeão regional em 1939, 1941 e 1942, campeão brasileiro de lance livre em 1944, campeão por tres vezes da América do Sul, de 1941 a 1942 e 1945, internacional com várias presenças no campeonato sul-americano,

são a garantia absoluta de que Brasil está bem representado nesta sua viagem à Europa.

«A equipa veio ainda acompanhada por técnicos, árbitros e jornalistas.

— O basquetebol, no Brasil...

— E' praticado com muita paixão. Milhares de praticantes e centenas de clubes praticam-no de noite e de dia.

— Conta impressionar, na Europa?

— Mentiria se lhe dissesse o contrário. Tenho confiança na equipa, embora não conheça o basquetebol europeu. Uma coisa lhe digo: em amabilidade não ganhamos nós, isso não. Desde



A hora da refeição, no hotel onde estão instalados. Os dirigentes e os excelentes azes do basquetebol brasileiro deixam-se fotografar por Jorge Garcia, nosso camarada da Stadium

que conquistou em 1945; Alfredo Rodrigues Mota, oficial do exército, do Vasco da Gama, campeão brasileiro de 1942 a 1944, vice-campeão sul-americano e brasileiro em 1947 e internacional há 6 anos; e José Simões Henriques, oficial da aviação naval, do Tijuca Tênis Clube, tres vezes campeão brasileiro de 1937 a 1939, campeão sul-americano em 1939, vice-campeão em 1947 e internacional —

que chegámos a Lisboa, temos recebido cativantes provas de simpatia. Desde as entidades oficiais ao Belenenses. Não — aqui perdemos, com certeza.

Já é alguma coisa... Que esta boa impressão do dr. Adherbal Carneiro Ribeiro possa também entrar em linha de conta neste campeonato!

R. T.



No dia do seu primeiro treino, no Pavilhão dos Desportos, que os brasileiros admiram imenso



Um lançamento. Os brasileiros, a encetar, são formidáveis. Por baixo da rede, são fatais

Uma passagem da prova de 5.000 metros.
Jorge Marques, em 3.º lugar, foi o vencedor



ATLETISMO

A 1.ª Jornada dos Sêniores foi favorável ao Sporting



Jorge Marques ganhou o título dos 5.000 metros

A primeira jornada do campeonato regional de seniores, com um programa apertado e reduzido número de concorrentes, decorreu com animação e foi assistida por bastante público, ao qual as condições da pista de treino do Benfica não ofereceu possibilidades de instalação conveniente. Digamos desde já que a primeira organização do novo elenco dirigente associativa merece ser apreciada com agrado; ordem, sequência, rigor no cumprimento das disposições regulamentares. Lamentavelmente, contudo, o comportamento de muitos dependentes com intervenções intempestivas e injustificadas, demonstrando falta de educação desportiva que no atletismo está tornando um hábito a que é necessário pôr cobro por meios energéticos. Aqueles «meninos» que se julgam no

direito, porque pagaram a entrada, de insultar cobardemente, escondidos no anonimato da multidão, os dirigentes: no exercício das suas funções, devem ser escorraçados dos campos de desporto, como medida de higiene pública.

As provas resumiram-se, uma vez mais, ao duelo Sporting-Benfica, com assentada vantagem do primeiro, a quem o programa favorecia: ganhou seis das sete provas disputadas, e o sétimo título foi parar ao Internacional. Os «leões» ficaram com 37 pontos de vantagem, com os quais procurarão compensar a sua inferioridade nas barreiras e no salto à vara.

Pela pontuação da tabela finlandesa, o valor das marcas dos vencedores classifica-se pela seguinte ordem: João Vieira, com 14^m,26 no triplo-salto, 825 p.; Nuno Morais com 22,7 s. nos 200 m., 792 p.; Domingos Canhão, com 2 m. 2,4 s. nos 800 m. e Afonso Marques, com 16 m. 8,6 s. na légua, 746 p.; Pinto Basto, com 12^m,565 no peso, 673 p.; Manuel da Silva, lançando o martelo a 40^m,22, 664 p.; a equipa da estafeta 4X400 m., com a média de 54,4 s., 652 p.

Os resultados da corrida de 200 metros, foram muito piores do que esperávamos; Myre Dorez, por exemplo, em período intenso de estudo de vésperas de exame, perdeu por completo a forma nestes quinze dias.

O vencedor Nuno Morais, também com preparação insuficiente, ganhou na reta final, passando irresistivelmente Eleutério, que fôra o homem dos primeiros cem metros. Este, que o júri classificou segundo, mas nos pareceu batido também por Matos Fernandes, sobre o fio, não confirmou a proeza que lhe foi atribuída numa prova de treino, há oito dias. O estado em que terminou o percurso, prova que não é boa a sua condição física.

Na ausência de Bastos, de Jacinto, de Alves da Silva, o Sporting conseguiu ainda conquistar os três primeiros lugares na corrida de 800 metros, com a vitória de Canhão em 2 m. 2,4 s., recorde pessoal e oitavo tempo português, e os juniores Castelo Branco e Pena da Silva nos postos de honra, ambos em 2 m. 6,4 s.

Os 5000 metros foram muito interessantes de seguir, pela luta de o benfiquista Araujo deu ao forte agrupamento sportinguista; só Afonso Marques conseguiu desembaraçar-se, na reta final, da teimosa energia do adversário, que correu a distância em 16 m. 12,2 s. Auspiciosa estreia.

O mesmo se pode repetir em relação a Alvaro Conde, excelente terceiro em 16 m. 16,9 s.

Filipe Luis fracassou; acusa a evidência a repercussão da sua pesada época de inverno, em plena forma.

Outro corredor que de-illudiu foi o belenense Branco, que não soube guiar a sua prova. Na segunda volta começou aos estírcos tentando fugir ao pelotão e à quinta volta descolava extenuado, terminando em sexto lugar, muito longe dos primeiros.

Afonso Marques está em plena recuperação; não se descortina rival para lhe fazer sombra durante a temporada.

As marcas do lançamento do peso foram fracas; na falta de Ruivo, que esteve no terreno mas não quis participar na prova por divergência com um dirigente do seu clube, Manuel da Silva alcançou o segundo lugar, com 11^m,90, melhorando de meio centímetro o seu recorde pessoal.

Castelo Lopes, confirmando as suas aptidões para a especialidade, estreou-se na categoria superior com um terceiro lugar e um lançamento de 11^m,775. Já não é mau para o nosso meio, porque se trata de um novo, com largas probabilidades de progresso.

Foram também pobres, as marcas do lançamento do martelo; Manuel da Silva continua a rodar desequilibrado e, sempre, o martelo lhe saiu em trajectória baixa, por erro no puchar das mãos, ao soltar o instrumento.

José Luís não progrediu e os restantes concorrentes ou não possuem fauleadas ou não possuem ainda conhecimentos suficientes.

A estafeta 4X400 m. foi ganha pelo Sporting com noventa metros de avanço, à cabeça, destacado, desde o primeiro per-



João Vieira no salto que lhe deu o título

curso. Isto parece focar o seu pouco interesse.

Os tempos dos quatro concorrentes do grupo vencedor foram: Luis Rocha, 55,2 s.; Jacinto, 53,8 s.; Canhão, 63,6 s. e Artur Dias, 54,5 s.

Finalmente, os últimos serão os primeiros, João Vieira alcançou brilhante vitória no triplo, com uma distância que fica sendo o segundo resultado nacional.

Luis Alcide esforçou-se por manter o título de que era detentor, mas a sua melhor tentativa não foi além de 13^m,98.

Bom comportamento do ex-junior Eduardo Matos, com 13^m,31 e de Moniz Pereira, que bateu o seu recorde pessoal, com 13^m,225.

SALAZAR CARREIRA

Nuno Morais, do Sporting, triunfa nos 200 metros



A equipa de 4 X 400 do Sporting, vencedora do campeonato

O Congresso Europeu de Ginástica Ling

decorreu com grande interesse e pôs em evidência a actividade e o valor da educação física em Portugal

A reunião em Lisboa, durante a semana passada, do 8.º Congresso Europeu de Ginástica Ling, foi o mais importante acontecimento no meio português, não apenas pelo seu valor intrínseco, porque também pela mobilização de actividades nacionais a que deu origem e das quais nos é permitido tirar lisonjeiras conclusões.

O Congresso reuniu avultado número de inscrições e, embora tivessem faltado à última hora os delegados franceses e gregos, foram ainda sete as nações representadas: Portugal, Espanha, Bélgica, Inglaterra, Dinamarca, Suécia e Turquia.

A apreciação a fazer ao trabalho realizado pelo Congresso deverá incidir sobre o merecimento das comunicações apresentadas e, também, sobre os resultados práticos a que levaram as discussões e críticas desenvolvidas durante as suas sessões.

Foram em número de 27 as teses tratadas, e referentes aos mais diversos problemas de ordem biológica, doutrínaria ou técnica, relacionados com a ginástica de Ling; é difícil citar os mais notáveis, mas registemos no entanto que os houve notáveis.

A impressão geral recolhida do conjunto dos trabalhos é de molde a permitir afirmar que a ginástica é hoje uma ciência complexa, ligada directamente aos campos da biologia, da histologia, da mecânica, da filosofia, da medicina, etc.; por intermédio das suas acções se estudam os mais variados problemas, se esboçam novas interrogações no campo, sem horizonte limitado, da investigação científica; nas suas tendências metodológicas ou sistemáticas, — se entendermos que o método é um só, no qual se geraram sistemas distintos —, existe base para divergência de critérios, desenhando-se claramente a luta entre ortodoxistas e renovadores.

Querem alguns cingir-se estritamente aos princípios estabelecidos por Ling, aos quais não admitem elasticidade que permita mudança de interpretação; no entanto, na pista de uma lei universal, de evolução sob o impulso de novos conhecimentos adquiridos, surgiram escolas dentro da escola e verifica-se que, mesmo aqueles que mais cuidadosamente deviam velar pela intangibilidade dos princípios doutrinários do fundador, aceitam e põem em execução normas evolutivas. Há em vista os exercícios de suspensão na barra executados pela primorosa classe sueca representativa da sua federação e que eram, autenticamente, exercícios de ginástica aplicada na barra fixe.

Dentro do ambiente do interesse nacional, o Congresso trouxe-nos um benefício: a condenação formal, melhor diríamos a exatidão da chamada «técnica portuguesa», que foi trazida à liça por um adepto e recebeu da quase unanimidade dos congressistas (exceptua-se um, que é professor da tal técnica) um acolhimento de severa e laudamentada crítica, que deve ter acabado por uma vez com as veleidades dos partidários de um pseudométodo sem realidade prática e que vive de um balão de oxigénio: a existência de um decreto não revogado, mas contradito por outros decretos posteriores.

Durante a semana e em todos os dias houve demonstrações de ginástica por classes portuguesas as mais diversas, reunidas de todos os sectores sociais. No Pavilhão de Desportos realizaram-se três festivais, que foram brilhantes; no Castelo de S. Jorge apresentou-se uma classe de soldados e no Arsenal do Alfeite outra de marinheiros; no Alfeite apresentaram-se os trabalhadores da F. N. A. T. e, em Sintra, raparigas e rapazes da Mocidade Portuguesa.

É consolador registar que tão volumoso conjunto resultou absolutamente prestigioso para Portugal; os nossos visitantes ficaram sabendo que, no nosso país, se faz muita ginástica, boa ginástica, porque temos bons professores e somos excelentes alunos. Que assim é demonstrou-o à evidência o grupo de brtosos rapazes da classe do Lisbon Ginásio que o professor Johanson dirigiu e que não hesitamos em classificar de melhor entre as muitas excelentes que se exibiram.

Não é possível fechar esta sintética apreciação sem uma referência à classe sueca que veio expressamente a Lisboa; que maravilha a sua lição dinâmica e harmoniosa, tão perfeitamente executada que o difícil parecia singelo; que espantosa forma física, a daqueles homens apurados, elásticos, fortes e ligeiros.

Eram incríveis os seus exercícios de equilíbrio, de estáticos artistas olímpicos os seus trabalhos de suspensão na trave, mas, no entanto, foram os movimentos em conjunto, os exercícios segmentares, a coluna vertebral da lição, o que mais nos captou e enfeitou. Aquilo, sim, é ginástica. Ginástica da melhor.

Salazar Correia



Prestes Salgueiro (à esquerda) e Gabriel Ribeiro, os dois grandes especialistas de barreiras da primeira fase do atletismo português

ATLETISMO

Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

VIII — As corridas de barreiras

As provas de barreiras, espectaculosas e emocionantes, verdadeira expressão de ritmo e de harmonia no movimento atlético, foram incluídas nos programas portugueses desde os tempos remotos do atletismo nacional.

Em documentos relativos a 1906, quando os concursos eram ainda exclusivamente de iniciativa particular, pois não havia qualquer organização de carácter hierárquico superior e oficializado, achámos o relato de um torneio disputado em 11 de Novembro, dia de S. Martinho, no antigo velódromo de Palhavã e no qual o corredor do «Clu», Fernando Pinto Basto, ganhou os primeiros 110 barreiras corridos em Portugal, chegando em segundo o representante do Futebol Cruz Negro, Abel de Macedo.

Não encontramos registado o tempo gasto na prova, mas no regulamento figurava uma determinação estabelecendo o máximo de 22 s. para o corredor que fizesse a prova sem competidores.

Em 2 de Dezembro do mesmo ano celebrou-se novo concurso, sendo todas as competições ganhas pelos ingleses do clube de Carcavelos; nas barreiras triunfou um mr. Seilh.

Em 7 de Junho de 1907, sempre em Palhavã, Cecil Barley venceu os 110 metros com obstáculos em 19 s. e, no Porto, uma semana depois, Ivo Lemos e Eduardo Dumont Vilares classificaram-se, por este ordem, em idêntica prova.

Teremos, depois, que esperar alguns anos pelo aparecimento da Sociedade Promotora de Educação Física Nacional, para encontrar de novo vestígios de actividade atlética, agora com o cunho de campeonatos oficiais. Em 1910, organizaram-se os primeiros Jogos Olímpicos Nacionais, cuja prova de

barreiras foi assim pitorescamente comentado em «Sports Illustrados»: «Foi uma das provas mais interessantes. Houve saltos magníficos, dados sem hesitação e em corrida muito veloz. Ficou primeiro classificado João de Figueiredo (C. I. F.); segundo Gabriel Ribeiro (S. C. P.) e terceiro Costa Rosado (G. C. P.).»

O tempo não foi tomado, mas deve ter sido muito mau, a calcular pelo estilo do vencedor, que uma gravura mostra passando o obstáculo a pés juntos.

Na época seguinte, as coisas melhoraram bastante, e o mesmo corredor, já com noções de estilo, repeliu a vitória creditada em 20 s., tempo que deve ser tomado como ponto de partida para a tabela do recorde nacional.

A prova meteu eliminatórias, sendo apurados finalistas Figueiredo, Costa Rosado, Gabriel Ribeiro e José Guerra.

Gabriel veio até meia corrida com pequeno avanço sobre Figueiredo, mas este aumentou a velocidade do andamento e ganhou bem. Contando as provas particulares em que participara, esta era a quinta vez que Figueiredo triunfava, consecutivamente, nas barreiras.

Em 1912 não pôde continuar a série de vitórias que o haviam consagrado o primeiro da sua época, cedendo ante a fatalidade que o impediu de sustentar luta até final; ao transpor uma das últimas barreiras, tropeçou e caiu, não podendo concluir o percurso, sendo Gabriel Ribeiro o vencedor no tempo recorde de 19,2 s.

1913 foi o ano mais animado da fase inicial do atletismo português: Semana de «O Mundo», Jogos Olímpicos e campeonato escolar

(Continua na pág. 14)

As «filiais» portuguesas

apreciadas por um desportista britânico, foram condenadas...

LONDRES, Julho de 1947 — Especial para «Stadium» — por FERNANDO MENDES

Há dias conversávamos com um desportista britânico em certo café londrino quando, de repente, me foi feita esta pergunta: — O que é isso de filiais dos clubes, em Portugal?

Ficámos algo embaraçados com o caso. Mas tentámos dizer ao simpático companheiro:

— As filiais dos clubes, filiais dos clubes... é assim coisa parecida com uma pessoa que tem família longe, mas família que não é do seu sangue, — uma espécie de família vinda «por simpatia» e mais nada. Ter uma filial é ter adeptos. Mas o clube sede não «manda» na filial, nem esta «obedece», se quiser. É tudo simbólico.

— Então, os clubes não estão ligados entre si por direitos e deveres, como patrões, como senhores de mandar, trazendo os seus jogadores, dando-lhos se entender, dirigindo as suas finanças e as suas atitudes, transferindo isto ou aquilo, mesmo valores monetários, assim no jeito de um estabelecimento comercial ou industrial que tem sede em Londres e sub sede ou filiais em Liverpool, Manchester ou outras cidades?

Demos uma gargalhada. O nosso colega de mesa não compreendia, e nem podia. Por sua vez, experimentámos sérias dificuldades ao pensar maduramente no caso...

Mas procurámos esclarecer: — Não, nada disso. Um clube filial reconhece-se por usar a mesma camisola, quase o mesmo distintivo, quase o mesmo nome, mas tem outros regulamentos, obedece à mesma disciplina desportiva, como clube que vive absolutamente à parte, como organização independente. Os jogadores estão presos a um e não a

dois. As voltas, na «transferência», são precisamente as mesmas. Não há excepções e nem se podem invocar os tais laços de «parentesco», porque não existem, os laços de «patrão para empregado», porque são teóricos, puramente literários... Quer dizer: para tudo, ficaremos em presença de dois clubes diferentes. Absolutamente diferentes, a despeito de opiniões de vária ordem e de conceitos que estão errados. A filial forma-se por voto de meia dúzia de desportistas que simpatisam com determinado clube. Depois cresce. Às vezes chega a ter adeptos de todas as cores, adeptos que nem gostam muitas vezes do clube-sede. Mas o clube criou balanço e fica. Que às vezes, precisamente por causa da rivalidade entre as sedes, também desaparece. E quando não desaparece, fica mal amparado, anémico. Logo surgem outros, na mesma terra pequena, que gostam mais da colectividade rival e formam o seu novo clube. Chegamos a ter 3 clubes em pequenas vilas, atrofando-se uns aos outros, impedindo o progresso desportivo da terra... só por teimosia! São «filiais» e é uma honra...

Agora sim. O desportista britânico ficou esclarecido. Calhou-

lhe a vez de rir com vontade. E depois de rir, de rir muito, começou a falar sobre o caso.

— O pior, meu amigo, ainda não é isso. O pior é que em Inglaterra e muitos outros países adiantados em futebol, nunca essa ideia poderia vingar. E sabe porquê?

— Sou todo ouvidos... — Porque essa simpatia é perigosa para a luta séria do desporto. Uma pergunta, antes de mais nada: Os clubes-sedes e filiais não chegam a encontrar-se na mesma Divisão?

— Chegam, sim senhor... — E a amizade, de que me fala, como é compreendida no decorrer da luta? — São adversários. Há mais uma festa, uma cerimónia especial, trocam-se saudações e discursos, jantares, mas no campo são sempre rivais...

— E as filiais vencem as sedes? — Julgo que não. São sempre clubes mais novos, menos fortes, que procuram caminhar, na verdade, mas longe da forma dos seus patronos. Não é costume ou corrente essa vitória. Os pais é que batem nos filhos...

— Pois muito bem. Acredito que seja assim. É com certeza assim como diz. Porém, pode ficar

em muitos espíritos a ideia do «chiquê». Da vitória facilitada. De que a influência da amizade facilitou um resultado. Nada, nada! Não sei como poderia acontecer isso em qualquer país de bases sólidas no campo desportivo. O futebol é uma coisa muito séria, cada clube trabalha para si, insistentemente, com o melhor espírito desportivo, tendo a confiança do público, da crítica, de toda a gente. Isso de jogar «em família», mesmo que esta seja de longe, não poderá servir para uma organização forte, distinta.

«Eu julguei que sedes e filiais» eram a mesma coisa, o mesmo clube, que poderiam ter uma, duas, três equipas na mesma prova. Claro que isso também seria intolerável. Ou então: — que as filiais formavam «armazéns» de reforço para o patrão que se chamava «sede». Afinal são clubes absolutamente separados, embora amigos espirituais, mas isto mesmo é pouco firme quando jogam entre si. Acredito que «seja a valer». Mas o público, aqui, na Inglaterra, era capaz de duvidar e de supor que, pelo menos, nem um nem o outro jogaram com a fibra e alegria necessárias.

— Mas para a Federação ou Associações a «filial» não conta. É um clube distinto, diferente.

— Pudera não ser assim. A Federação do seu país, procedendo de tal modo, está de acordo com a orgânica geral do futebol. Descobri «filiais» e «sedes», como é seu dever, mas o que não pode é meter-se na pele do público. Este também julga.

«Por tudo quanto saí da nossa conversa, só lhe digo que o sistema é peregrino. Já lhe não falo da tal «mania de formar duas e três filiais em cada vila», dividindo as energias, desperdiçando as melhores oportunidades. Isto revela, até certo ponto, falta de «personalidade». O clube deve pertencer à sua terra! Mas o último caso, o desportivo, mesmo convencido, como estou, de que tudo é feito a sério, — deixa-me uma impressão desoladora!

Não pudemos ripostar. O nosso companheiro tem autoridade bastante, pois é da «velha guarda» britânica, e nós limitamo-nos a registar as suas opiniões, ligando tanto possível os casos que possam copiar-se da Inglaterra, para servir Portugal.

Na despedida, ouvimos ainda estas palavras:

— Pense agora neste caso: — 3 ou 4 clubes «filiais» a trabalhar para uma «sede» em prejuízo dos outros...

— Mas não trabalham!

— Acredito. Todavia, o público pode pensar o contrário!

Não respondemos. Estávamos fora de combate...

OQUEI EM CAMPO

A «Taça de Portugal»

continua em Lisboa...

Triunfo brilhante do Benfica em luta porfiada com os dois representantes do Porto

de «companheiros» parece, portanto, não ter dado grande abalo ao 2.º de Lisboa...

A vitória conquistada pelo quadro oquistico benfiquense apresenta, por conseguinte, significado especial — e deve festejar-se como merece. Não era fácil o trabalho, realmente, mas a equipa do Benfica, cónscia da sua responsabilidade, soube transpor vitoriosamente o obstáculo. Bem haja. E que o triunfo sirva como alta lição de desportivismo e de exemplo de abnegação pela modalidade. Nem mesmo a derrota, na última partida, disputada no domingo, no Porto, deslustra o magnífico triunfo benfiquense, já garantido na véspera com o empate imposto ao Ramaldense.

Em seis desafios — quatro no Porto e dois em Lisboa — verificaram-se, pela ordem, os resultados seguintes: F. C. do Porto-Ramaldense, 1-1; Benfica-Ramaldense, 4-0; Benfica-Porto,

1-0; Ramaldense-Porto, 1-0; Ramaldense-Benfica, 1-1; Porto-Benfica, 1-0. Isto deu como classificação: 1.º Benfica, 2 vitórias, 1 empate, 1 derrota, 6-2 e 9 pontos; 2.º Ramaldense, 1 vit., 2 em., 1 de., 3-6 e 8 p.; 3.º F. C. do Porto, 1 vit. 1 emp. 2 de. 2-3 e 7 pontos.

A prova teve agora a sua quinta disputa, datando a primeira da temporada de 1941/42, com os vencedores seguintes:

1941/42, Futebol Benfica; 1942/43; Futebol Benfica; 1943/44, Benfica; 1944/45, Futebol Benfica; 1946/47, Benfica.

Não houve torneio em 1945/46. Somente os dois Benficas inscreveram seus nomes no quadro de vencedores. Além deles, apenas o Belenenses representou Lisboa, tendo a representação do Porto estado entregue ao Ramaldense, Leixões, Boavista e F. C. do Porto.

Jorge Monteiro

Fernando Mendes

Novamente a Taça de Portugal, o troféu mais precioso do quei em campo, disputado num torneio que só não é semelhante ao campeonato nacional por não existir federação da especialidade, veio parar a Lisboa: por outra — continua a ser pertença de um clube da capital! Assinalada a desistência do Futebol Benfica, vencedor da última competição, efectuada há dois anos, o S. L. Benfica foi o único representante sudista no torneio, tendo, por via disso, tarefa mais árdua, e, também, mais ingrata, na conta com os dois representantes norteños: Ramaldense e F. C. do Porto. A ausência

Ano V — II Série — N.º 241
Lisboa, 16 de Julho de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
—
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidade João Gonçalves, 10, 3.º
Telefone, 45903 - LISBOA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA
Propriedade da
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura



O sr. Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional dá o «pontapé de saída» no relvado do «Estádio José de Alvalade»



O corte simbólico da fita, feito pelo sr. Sub-Secretário das Obras Públicas



Os campeões nacionais. Jorge Vieira, o veterano está junto deles



O dr. Ribeiro Ferreira, presidente do Sporting, lê o seu discurso

O NOVO ESTÁDIO DE JOSÉ ALVALADE substitue o velho LUMIAR



Uma fase do jogo de 10 minutos entre júniores e seniores...



Os independentes do Sporting, em ciclismo, dão uma volta à pista



Vários jogadores leoninos em volta de taças que conquistaram. Uma satisfação!



A Taça «O Século» voltou ao Sporting!



O Sporting Clube Caminhense conquistou mais um título: o de «out-riggers» de 4, seniores. E com ele a valorosa «Taça Lisboa». Eis a sua tripulação: Carlos Maciel, Carlos Sobreiro, Delfim da Silva, António Torres e José Maciel (Timoneiro)

OS CAMPEONATOS NACIONAIS DE REMO

disputaram-se na lagoa de ÓBIDOS



Um pormenor curioso: — o embarque do público para as bateiras, a fim de assistirem às provas

As regatas da Foz do Arelho, numa iniciativa admirável do município das Caldas da Rainha e da sua Comissão de Turismo, a que a Federação de Remo logo correspondeu, constituíram um verdadeiro êxito!

Milhares de pessoas, de todos os pontos do país e especialmente das cercanias, assistiram às provas com o mais vivo interesse. O local é um trecho deslumbrante da natureza, atraindo pela sua beleza e pelas condições que oferece para a prática do remo. Festa magnífica!

Publicamos apenas, por necessidade de elaboração, fotografias do primeiro dia de provas. Todas

as regatas foram disputadas com energia e vigor, técnica e ciência. O Caminhense cobriu-se de glória, mas o Galitos comportou-se com mérito: vencedores e vencidos dignos um do outro.

O Grupo Desportivo da Cuf, em yolles de 8 juniores, brilhou a grande altura! O Clube Fluvial Portuense marcou a sua posição. Enfim, as provas emocionaram, e foi dado um belo passo no remo português, na altura em que os nossos remadores vão defrontar os espanhóis.

Foz do Arelho, na sua beleza e poesia, é também uma pista de remo digna de grandes competições.



A tribuna de honra, vendo-se entre outras pessoas de apresentação oficial o sr. Ministro da Marinha



Os caminhenses que estão em Óbidos para disputar as provas. Estão contentes e esperanças!



Foi oferecido um lanche, na F. N. A. T., a alguns convidados de honra, estando também presentes o sr. Ministro da Marinha, Presidente da Câmara Municipal das Caldas da Rainha etc.



No mastro de honra — bandeiras ao vento, a de Portugal, a do organismo dirigente do remo, e a das Caldas da Rainha, triunfantes, zelando pela organização dos campeonatos máximos



A equipa do G. D. da «Cuf», vencedora do campeonato nacional de «Yolles» de 8, juniores, assim composta: António Brillhante, José dos Santos, Américo Mendes, António Pacheco, José Paiva, Maciel Carvalho, Luís Gonçalves, Alberto Felipe e Mariano Baptista (Timoneiro)

Os "independentes" continuam inactivos...

Os amadores e os iniciados têm provas para disputar

O ciclismo português continua em crise. Há falta de provas e os esforços da Federação têm, até agora, redundado em pura perda. Os prometidos auxílios não se verificaram ainda, de modo que os projectos de corridas importantes não se materializam.

Organizadores particulares — são poucos ou quase nenhuns. No Sul apenas se conta, para breve, com a «Volta do Ribatejo», prova em duas etapas destinada ao maior êxito — se todos os clubes, mesmo os do Norte, se fizerem representar. No entanto, a luta Benfica-Sporting, através de uma região onde os dois grandes clubes têm muitos adeptos, dará brilho certo à competição.

Esta prova começará no Cabo, em frente de Vila Franca. Terá o final da 1.ª etapa em Abrantes, cidade nunca escolhida para uma grande corrida de bicicletas, e no dia seguinte — a «volta» está marcada para 26 e 27 do corrente — haverá duas tiradas: uma com o final em Tomar, terra muito desportiva, e a outra, última da competição, terminará em Vila Franca.

Disputada que seja esta corrida, de novo os independentes cairão na inactividade... Até, segundo nos consta, parece comprometido o Porto-Vigo-Porto, previsto para o próximo domingo!...

A «Volta a Portugal» não será disputada este ano. Correm muitos boatos acerca da possibilidade da prova se efectuar. Mas como, até agora, ainda nada veio a público de positivo, bem pode afirmar-se que 1947 marcará mais uma solução de continuidade na realização da grande «ronda». A fatalidade parece perseguir o ciclismo, precisamente numa altura em que as coisas se encaminhavam para uma melhoria. O regresso do Benfica, com uma excelente equipa, deu brilho às competições do princípio da época. Nós próprios, que já não «corremos a foguetes» e tivemos na F. P. C. a dura experiência de oito anos de actividade, chegámos a entusiasmar-nos... Infelizmente — o brilho da temporada foi sol de pouca duração... E, todavia, calcule-se o que seria uma «Volta a Portugal» com as equipas do Benfica e do Sporting em despieque e contando qualquer delas com excelentes valores!

A falta de melhor a A. C. S. juntou-se aos clubes seus filiados e formando «Organizações Reunidas» promove uma série de provas para amadores e iniciados. Cada um deles disputará três corridas, fazendo-se a classificação no final.

Os amadores tiveram já duas corridas. Maximiano Rola, do Lisgás, venceu a primeira: o jovem benfiquista Edgar Marques ganhou a segunda, realizada no último domingo. Há que dar realce à proeza do corredor do Benfica, ainda há poucos dias iniciado. Eis um valor que surge.

Manuel Feijão, da Marconi, venceu a primeira corrida de inicia-

dos. E' outro nome a fixar. E fixa-se bem — nestes tempos de falta de géneros...

Entretanto duas equipas do Sporting foram a Madrid disputar as «24 Horas». Custódio Reis-Max André classificaram-se em 6.º lugar; Lourenço-Lopes em 8.º. Saliente-se que duas equipas belgas dominaram a situação e que uma delas era formada por Naeye-Brunel, o melhor «par» do Mundo. Os «leões» voltarão a Madrid brevemente.

No estrangeiro a «Volta à França» marca o regresso do ciclismo a situação de normalidade. Trava-se luta entre franceses e italianos, figurando os belgas — caso estranho! — em posição secundária. Vietto e Fachleitner, franceses, Camellini, Brambilla e Ranconi, italianos, são os «homens da prova».

E terminada a «volta», teremos os campeonatos do Mundo — em Paris e em Reims.

Por último: já temos em Lisboa, de novo, uma pista de ciclismo. E' a do Sporting, integrada no magnífico conjunto do «Estádio José Alvalade». A utilização da pista, em reuniões diurnas e nocturnas, podia salvar a época. Um entendimento geral — Federação, Associação e clubes — conduziria certamente a bons resultados.

Dois recordes batidos no festival do S. A. D.

Guilherme Patroni, 300 metros. Pereira Bastos, 1.000 metros

Resultou agradável o festival organizado pelo Alagés e Dafundo, no domingo último, de cujo programa fazia parte a terceira série de provas de selecção com vista à projectada digressão pelo norte do país, na primeira quinzena de Setembro.

Sobressairam, no entanto, as tentativas de recorde incluídas no programa, pela razão simples de que foram coroadas do melhor êxito. Dois novos recordes foram, portanto, melhorados no domingo último, atestando claramente o progresso evidenciado pelos nadadores portugueses da camada jovem.

Guilherme Patroni, em contínuo progresso, em constante aperfeiçoamento de «forma», aperdeu-se de mais um recorde: o dos 300 metros-livres, juniores.

O jovem «internacional» do S. A. D. fez, com efeito, uma prova magnífica, a despeito de ter corrido sozinho. Atacou o percurso com energia e, depois de ter passado aos 100 e 200 metros, respectivamente, em 1 m. 12,8 s. e 2 m. 41 s., cobriu-o em 4 m. 5,2 s. Impressionou bem, inclusive pelo à vontade com que correu de princípio a fim. O anterior recorde, pertença de Jeremias Simão, estava em 4 m. 9 s.

O sénior João Pereira Bastos,

ao estabelecer o recorde de 1.000 metros-livres da sua categoria, também foi feliz, pois que simultaneamente se apoderou do recorde absoluto, que, por coincidência curiosa, também pertencia ao estorilense Jeremias Simão.

Pereira Bastos não está ainda na sua melhor «forma», mas está, sem dúvida nenhuma, a caminho dela. O campeão nacional de meio-fundo fez a melhor prova que, de momento, podia fazer. Correu, digamos, a defender-se. E, com base na regularidade, atingiu o fim em vista, melhorando o «tempo» dos 1.000 metros-livres de 15 m. 21,2 s., para 15 m. 18,2 s.

A análise dos «tempos» intermédios dá-nos, exactamente, a indicação da sua regularidade, da cadência uniforme que impôs e que foi a chave do seu valoroso triunfo. Citemos alguns: 100 metros — 1 m. 17,5 s.; 200 — 2 m. 46,5 s.; 400 — 5 m. 53,5 s.; 500 — 7 m. 28 s.; 800 — 1 m. 12 s.

As restantes provas do programa mantiveram o nível habitual das reuniões desta natureza, com evidência marcada para os elementos mais jovens.

Algumas merecem, no entanto, referência especial. E primeiro do que qualquer outra, a de 200 metros-livres, iniciados.

Prova realmente magnífica, quer pela forma como foi disputada, quer pelas marcas obtidas. Fernando Madeira e Eduardo Murta Barbeiro, dois novos de excelente futuro, excederam a expectativa mais optimista. Fernando Madeira, que, além de tudo mais, «sprintou» admiravelmente, obteve marca de verdadeira classe: 2 m. 49,1 s. Murta Barbeiro não lhe ficou longe: 2 m. 51 s.

Os 100 metros livres, juniores, de novo colocaram Guilherme Patroni em evidência. Obteve, à vontade, 1 m. 5 s. Hierculano Trovão — 1 m. 11,2 s. — mantém-se, assim, na mesma craveira de há anos, quando foi um dos nossos melhores nadadores de velocidade pura.

Em 33 metros-livres, dois principiantes fizeram menos de vinte segundos. Foram eles, Jaime Ferreira Moniz — 19,2 s. — e João Franco do Vale — 19,5 s. — com a nota curiosa deste último não ser um especialista de estilo-livre.

Interessante, talvez pelo que teve de inesperada, a vitória de João Faria Bichinho sobre Luís Ricardo Sebastião nos 66 metros-bruços, principiantes. Luta agradável de seguir. Luís Sebastião parece estar mais à vontade em percursos maiores. Marcas: 58,3 s. 58,9 s., respectivamente.

De modo geral, o festival deixou boa impressão. Amanhã, à noite, teremos a primeira ronda dos campeonatos regionais. A nataçãõ lisboeta terá a sua primeira grande reunião. Mas o melhor será não arriscar vaticínios, que isto de provas de nataçãõ, são verdadeiras caixas de surpresas...

Antas Teixeira

Abreu Torres

HIPISMO

AINDA O CONCURSO DE BURGOS

Urgência com que por vezes na imprensa são tratados diversos assuntos para que os mesmos não percam a oportunidade, aliada à necessidade de alguns cortes no original para efeitos de paginação, forçaram-nos, bem contra nossa vontade, à omissão de diversas passagens que ao fim e ao cabo fazem falta.

Eis o que aconteceu na última entrevista que nos foi concedida pelo tenente-coronel Ivens Ferraz, chefe da equipa de cavaleiros que teve em Madrid e Burgos magnífica acção. Passagens houve que e falta de espaço obrigou a apertados resumos e por isso mesmo demos hoje, embora que rapidamente, umas breves notas que completem o nosso trabalho, nas quais se verá a magnífica acção de todos os elementos que colaboraram na equipa e que souberam honrar as nossas tradições equestres.

Referindo-se ao «Alcoe», o cavalo mais regular de equipa, o tenente-coronel Ivens Ferraz afirmou-nos que o novo e promissor irlandês se classificara em todos as provas de Madrid e Burgos, com excepção para a «Prueba Ejército Espanhol» na qual caiu ao saltar o primeiro obstáculo. Segundo o chefe da equipa, o «Alcoe» foi sempre moderadamente apresentado pelo capitão Correia Borrento, que também mon-

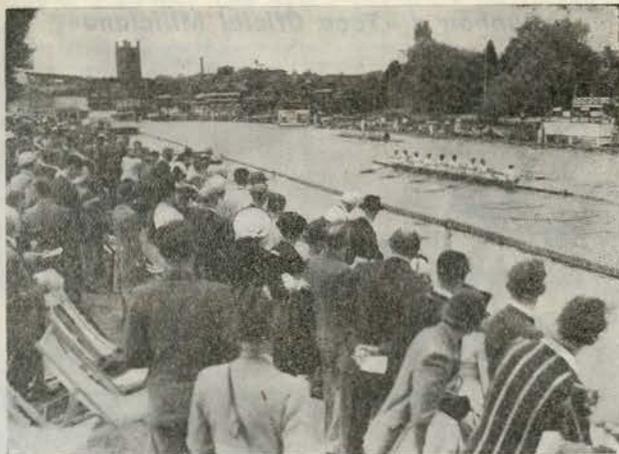
lou com muito brilho o cavalo «Zueri», no certame de Burgos.

Quando ao «Tete», que formou um conjunto agradável com o capitão Cervalhosa, foi brilhantíssimo e saltar, brincando positivamente com os obstáculos grandes, que transpunha com a maior facilidade.

O «Vouge» foi, por sua vez, a revelação do Concurso de Burgos, tendo a acção do tenente Henrique Celado entusiasmado a assistência. Alguém lhe chamou «El fenómeno», atendendo ao estilo e correcção das suas provas.

O tenente-coronel Ivens Ferraz referiu-se também à dedicação e ao cuidado do sergente e dos tratadores que acompanharam os cavalos. O seu zelo contribuiu muito para nos últimos dias de provas a equipa ainda dispusesse de um grupo de montadas num estado de «frescura» que permitiria continuar nas melhores condições, o que não aconteceu aos espanhóis, cujos cavalos se «apagaram» na «Copa de Burgos».

Eis alguns pontos que julgamos oportuno focar para completar o trabalho publicado no nosso último número. Por eles se verá que todos colaboraram para o êxito da nossa representação, desde o chefe da equipa, que tudo orientou e dirigiu, até ao mais humilde dos tratadores dos cavalos.



Aspecto panorâmico do cenário de Henley, onde se realizam as famosas regatas reais. A grêva representa a equipa americana da «Kent School» (E. U. A.) derrotando o Meidhead R. C. para a «Thames Challenge Cup»

al vida desportiva
POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

A primeira quinzena do mês de Julho tem, para os ingleses, um valor especial.

Todos os anos, nessa data, produzem-se nas Ilhas Britânicas três acontecimentos desportivos de considerável interesse, cuja antiguidade os tornou célebres e não têm paralelo em qualquer outro país.

Referimo-nos a Wimbledon, a Meca do jogo do ténis, a St. Andrews, antigo berço real do golfismo, e a Henley, o centro cardíaco das regatas.

Se a maior ambição dos artistas da raquete é vencer em Wimbledon, ganhar em Henley constituiu o sonho de qualquer bom remador. Aquela insignificante localidade, situada a 30 milhas de Londres, onde o rio Tamisa serpenteia no meio de colinas esbranquiçadas, tem quatro dias festivos de centenária celebridade. As três corridas principais produzem uma aglomeração superior a cinquenta mil espectadores, correctos e fleumáticos, de cujas bocas saem apenas discretos aplausos. São elas a Grand Challenge Cup, a Thames Challenge Cup e o Diamond Sculls, prémio arqui-cobiçado pelos campeões de scull.

A primeira destas provas coube, este ano, ao Jesus College, da Universidade de Cambridge, vitorioso de dois concorrentes difíceis — Ruder Clube Suíço, de Lurique, e o Delftsch Sport, holandês — a segunda, à Kent School, americana, vencedora da Tabor Academy, também dos E. U. A., e a última pertenceu ao hercúleo remador yankee, John Kelly J.^{or}, filho de outro vés de ante guerra, que derrotou com facilidade o norueguês Frondsål no match decisivo.

Em St. Andrews, depois de uma batalha épica entre golfistas de todo o mundo, emergiu vitorioso um irlandês, Fred Daly, com 293 tacadas em 4 rondas. Este sujeito escreveu ao mesmo tempo um novo capítulo na história do torneio, que vem desde 1800: foi o primeiro irlandês a conquistar o Campeonato Britânico.

O herói da jornada, Frank Stranahan, amator americano, perdeu apenas por uma tacada e esteve a ponto de empatar, fahando a cova a 140 metros de distância, por menos de uma polegada!

Três certames de tradicional reputação, que constituem um dos muitos e sólidos estílios da civilização anglo-saxónica, criadora e renovadora de quase todos os desportos praticados no Mundo.

R. B.

BOXE

Imprevista vitória de Tandberg

O pugilista Joe Baksi, vencedor dos ingleses Woodcock e Mills, estreou-se agora em Estocolmo (Suécia) contra Olle Tandberg, que foi excelente como amador mas passa por não possuir força de golpe.

Contra todas as previsões, o sueco aguentou-se na briga e fez mais sangue do que Baksi. A decisão final, ao cabo de dez assaltos, pertenceu a Tandberg, mas os jornalistas ingleses e americanos presentes são unânimes em afirmar que o americano devia ter saído vitorioso.

De qualquer das maneiras, trata-se de um belo êxito, pois na Europa não se calculava que houvesse alguém em condições de resistir ao rude jogador de Wilkes-Barre.

Outra vitória de Minelli

O nosso conhecido Aldo Minelli ganhou mais outra vitória nos Estados-Unidos, derrotando ao 8.º assalto, por pontos, o mexicano Roberto Estrada, em Nova York.

A luta foi renhida e constituiu a quinta vitória consecutiva obtida pelo pugilista milanês na América do Norte.

Proietti, campeão da Europa

O campeão italiano dos leves conquistou o título europeu desta categoria, vencendo por pontos, após 15 assaltos, o campeão da Bélgica, José Preys, em Bruxelas.

ATLETISMO

Os Campeonatos Americanos

Realizou-se em Lincoln (Nebraska) o Campeonato de Atletismo dos Estados-Unidos, patrocinado pela Amateur Athletic Union.

A figura mais saliente do torneio foi o notável cirurgião de Los Angeles, Dr. Steve Seymour, que bateu o recorde do lançamento do dardo, arrojando-o a 77 metros.

Seymour ainda há pouco estava longe de figurar entre os dez melhores lançadores mundiais. Agora cotou-se atrás do recordista mundial, Nikkanen.

O pequeno mas inigualável negro, Harrison Dillard, também se evidenciou, triunfando nos 110 metros (barreiras), que percorreu em 14 segundos exactos e pouco depois galgou os 200 metros em 23,3 s., igualando o seu recorde.

Outro negro, o famoso Herbert Mac Kenley, ganhou os 100 metros em 10,5 s., enquanto que Bill Mathis venceu os 400 metros em 47,1 segundos.

A título informativo apresentamos em seguida a lista dos resultados melhores, alcançados até agora na terra do Tio Sam:

100 jardas: 9,4 s. (Patton); 220 jardas: 20,4 s. (Patton); 440 jardas: 46,2 s. (H. Mac Kenley); 880 jardas: 1 m. 49,5 s. (Fulton); milha: 4 m. 11,6 s. (Karver); 2 milhas: 9 m. 11,8 s. (Stone) 120 jardas, barreiras: 14 s. (Dillard); 440 jardas, barreiras: 53,1 s. (Kirk); Altura: 2,03 (Vessie); Comprimento: 7,89 (Steele); Vara: 4,45 (Smith); Peso: 16,70 (Thompson); Disco: 54,19 (Fitch); Dardo: 77 m. (Seymour); Martelo: 54,76 (Beneti).

O corredor Herédia iguala dois recordes

Durante o Torneio Triangular de atletismo, entre as equipas representativas das províncias de Castela, Viscaia e Astúrias, realizado em Avilez, o corredor de velocidade Herédia igualou o recorde espanhol da corrida de 100 metros, fazendo 10,9 s.

A pontuação definitiva por equipas estabeleceu-se assim: Viscaia (108 pts.); Astúrias (98) e Castela (91).

Registe-se que o corredor Herédia igualou ainda há pouco, durante os campeonatos de Castela, o recorde nacional dos 200 metros, que está em 22,6 s.

CICLISMO

A Volta à França

Está em pleno progresso esta importante e famosa competição ciclista, a mais bem organizada de todo o Mundo.

A sexta etapa, entre Besançon e Lião, era a primeira montanhosa e foi ganha pelo francês Luciano Teisseire, mas a tirada seguinte, entre Lião e Grenoble, viu o triunfo de João Robie, um jovem ambicioso, e a subida do italiano Ronconi ao primeiro lugar da classificação geral.

A etapa Grenoble-Brianson, citava do traçado, coube ao italiano Camellini, um ciclista súbitamente revelado e cuja forma é excelente. Subiu ao segundo posto da classificação geral.

Os corredores, já em número reduzido, descansaram em Brianson no dia 4.

A etapa seguinte, a nona, entre essa cidade e Digne, viu o afundamento do portador da camisola amarela e a ressurreição do francês Vietto, que reconquistou o primeiro posto.

Foi no entanto outro italiano, o nomeado Camellini, quem chegou à meta em primeira posição na

etapa Digne-Nice, batendo Ronconi.

De Nice a Marselha entrou primeiro o francês Fachleitner, vencendo a 11.ª etapa, e depois disso a classificação geral ficou a seguinte:

1.º, Renato Vietto (81 horas 52 m. 12 s.); 2.º, Camellini (mais 2 m. e 11 s.); 3.º, Ronconi (mais 53 s. que o segundo).

Com a eliminação do suíço Kulber, que parecia poder tornar-se perigoso, a batalha resumiu-se ao duelo entre Vietto e os dois italianos.

O tenente **BARROS E CUNHA**

Ganhou a «Taça Oficial Miliciano»



Barros e Cunha no «Joalheiros», foi o vencedor da «Taça Oficial Miliciano»



Trigo de Sousa, vencedor da «Taça Camaradagem»

Um grupo de concorrentes às provas da G. N. R.

QUANDO o tenente Eduardo Trigo de Sousa terminou o seu serviço de miliciano na Guarda Nacional Republicana, deixou ali para que fosse disputada anualmente pelos oficiais daquele regimento uma taça de prata a que deu o nome de «Oficial Miliciano» com um regulamento semelhante ao do Cavalo de Guerra, isto é, com classificação feita no conjunto de uma prova de «Ensino», de uma de «Campo» e de outra de «Obstáculos».

A curiosíssima e útil iniciativa teve na semana finda a sua primeira disputa, que deu lugar a uma boa vitória do tenente Barros e Cunha no «Joalheiros», o qual obteve a melhor pontuação merecida do 2.º lugar na prova de ensino e do 1.º nas duas restantes. O seu triunfo correspondeu inteiramente aos prognósticos visto ser conhecida a sua boa forma e o «arranjo» e desembaraço do seu cavalo. Um Alter que está dando muito boa conta de si. De favorito o tenente Barros e Cunha passou com relativa facilidade a bom vencedor, registando o primeiro nome no trofeu que em boa hora começou a ser disputado. São poucas as iniciativas deste género e as que há são sempre bem acolhidas.

Em 2.º lugar classificou-se o tenente Damião no «Fandango» ocupando os postos imediatos os tenentes Abílio Ferro na «Vitânica», João de Mesquita no «Vigoroso» e Coelho da Silva no «Gomil», todos com boa pontuação.

A título informativo diremos que a Taça «Oficial Miliciano» será definitivamente atribuída ao oficial que a ganhe três vezes seguidas ou quatro alternadas. Na sua prova de campo, que segundo o regulamento terá uma extensão de 3 a 4 quilómetros, haverá obstáculos naturais de natureza a provocarem desembaraço e espírito de decisão necessários a todo o oficial de cavalaria.

Para corresponder à curiosa ideia do tenente Trigo de Sousa o Comando da G. N. R. instituiu uma outra taça, denominada «Camaradagem» que por sua vez foi disputada pelos oficiais milicianos.

Quiz o destino que a vitória viesse a pertencer ao tenente Trigo de Sousa, que conseguiu o único percurso sem faltas, montando «Vigoroso», e se classificou ainda em 2.º lugar no seu antigo «Joalheiros». Foi justíssimo prêmio para quem tanto se dedicou ao desporto equestre, servindo-o merecida das suas qualidades tantas vezes demonstradas e do seu entusiasmo sempre crescente.

Nos lugares imediatos classificaram-se os tenentes Tavares de Almeida e D. José de Bragança montando, respectivamente, «Ussel» e «Drawragoo» que como os seus camaradas receberam os prêmios distribuídos pelo general Afonso Botelho, comandante geral da Guarda Nacional Republicana.

Antas Teixeira



Maria Helena Leite fixou a «Manoletina» de Luis Miguel Dominguin neste desenho que em qualquer revista tauromáquica espanhola consagraria a nossa ilustre colaboradora na terra onde tão bons especialistas do género existem

TOUROS EM VILA FRANCA

A já tradicional corrida do Colete Encarnado, precedida a «espera» simulada, e sempre nimada, fez-se este ano com ouros do sr. dr. António Silva, e Coruche, pois só dois saíram com o ferro do sr. José Pinto Barreiros. E foram aqueles os mais bravos, e um bravíssimo, ideal, provando bem as teorias e práticas daquele ganadero, que efunde o estudo e aproveitamento das hormonas. Coube o ouro ideal a Domingo Ortega que aproveitou com toda a sua maestria e boa vontade.

Acontece, porem que, quando ai um touro assim, o bom «aficionado» espera, naturalmente,

ver tourear ao natural, e isso não sabe Ortega fazer, ainda que o tentasse. Tourear de joelhos ou como o fez Ortega, aliás com grande maestria, não é o que se espera do toureiro com tal touro. O público vitoriou o dr. António Silva que na chamada à arena delegou no seu filho, que deu a volta com Ortega. Este, no seu 2.º, o mais pequeno da tarde, foi colhido pelaingle, sofrendo um «puntazo» leve mas que o impedirá de tourear durante alguns dias. Substituiu neste touro Luis Miguel Dominguin que antes tinha toureado bem um de Pinto Barreiros e, no final, realizou uma grande faena de

«muleta» com outro do dr. Silva, bravo nas com muito temperamento. Bandarilhou os seus dois e foi muito aplaudido.

Conchita Cintron lidou bem a cavalo um dos dois de Pinto Barreiros, em que teve dois magníficos «sesgos», e com a capa, a cavalo e com a «muleta» outro do dr. Silva, sempre com valentia e graça. A Simão da Veiga coube um touro que cortava terreno e outro que saiu quase morto de tanto que lá dentro o picaram a sangrar na espinha e nos rins, barbaramente. Simão, sem perder a calma e toureando de cara e à volta, aguentou com a sua boa arte a manifesta infelicidade.

Assistiram à corrida os srs. ministros do Interior e das Comunicações e o presidente da Camara Municipal de Lisboa. Os toureiros ofereceram sortes ao rei Humberto de Itália e ao pretendente ao trono de Espanha. A praça, completamente cheia, oferecia o aspecto simultaneamente aristocrático e popular das corridas do Ribatejo, com elegâncias de Lisboa e povo de Vila Franca e arredores.

ROGÉRIO PÉREZ

Assine **Stadium**
A melhor revista desportiva



A apresentação das classes nacionais e suecas, no primeiro dia do sarau, no Pavilhão dos Desportos

A GINÁSTICA DE *LONG* teve o seu congresso em Portugal



Um dos magníficos números de ginástica da classe sueca: — dos mais aplaudidos do sarau



Dois curiosas exibições da classe dos visitantes, em cima e em baixo. Harmonia absoluta, beleza de atitudes que impõem a ginástica. Um belo desporto!

De alto a baixo:
Exercícios nas traves, onde se revela o poder do equilíbrio e o valor da ginástica. Colaboram valorosos atletas suecos

Paço de Arcos

a caminho de novo triunfo

só com vitórias, no Campeonato de Lisboa

Está-se quase em meio do 25.º campeonato de Lisboa de oquei em patins... e o C. D. Paço de Arcos parece na disposição de repetir a façanha de 1946: ganhar a prova só com triunfos!!! É o que se nos aligara mais certo; e seguro — em face do ramo que as coisas estão tomando... Tudo se encaminha para tal. Com efeito, a manifesta superioridade dos campeões de Portugal, treduzida pelo jogo desleiteante e perigosíssimo dos endiebrados primos Correias e com base firme na segurança de Emídio entre as ballzas, tem sido de tal modo avassaladora que o desfecho do torneio de 1947 se adivinha facilmente. Quem osará «bater o pé» no Paço de Arcos?

Houve, todavia, na aluvião de resultados estrondosos e catatróficos já registados, uma equipa que logrou esse desiderato... durante algum tempo! Foi o Oquei de Sintra — que terminou a primeira parte do jogo com os campeões a ganhar-lhes por 2-0. Mas como os deslizes não se limitam a um só período, o anverso teve, conforme seria natural e era de esperar, reverso de mollidor: 5-1. E, de tal feita, a partida culmina com a vitória do Paço de Arcos por 5-3. Nos outros encontros registaram-se: 13-1 à Académica da Amadora; 11-1 ao Benfica; 7-3 ao Cascais; 10-0 ao Campo de Ourique; e 8-0 ao Sporting de Oeiras. Na altura em que escrevemos ainda não «visionámos» qual teria sido o «castigo» dado ao Futebol Benfica...

Orá como algumas equipas — o Sporting de Oeiras tem sido, por exemplo, o campeão dos empates! — se digladiam estupidamente, é de crer que o Paço de Arcos, a meio-caminho, tenha já o título bem seguro. Assim, o Futebol Benfica empatou com o Sintra (3-3) e perdeu com o Sporting de Oeiras (1-3); este, por sua vez, apenas obteve aquele triunfo — pois no resto, à parte da derrota diante dos campeões, claro, foram empates: com Académica (5-5), Benfica (1-1), Cascais (3-3), Campo de Ourique (0-0) e Sintra (0-0). Quer dizer: o team de Santo Amaro de Oeiras afasta-se para um novo campeonato — o dos empates!

Das equipas mais bem classificadas — candidatas a um sub-campeonato — é justo salientar o Oquei de Sintra, a Académica da Amadora, o Futebol Benfica, o Cascais e o citado Sporting de Oeiras. Todas elas, porém, longe de «fazerem sombra» ao invencível Paço de Arcos.

Na 2.ª divisão o Lisgás é favorito. Vencerá? É possível que sim — mas o Ateneu ainda não está batido! O gala da classificação obteve: 2-1 contra o Ateneu; 9-3 contra a Naval Setubalense; 6-3 contra o Oquei Clube; e 8-2 contra o Parede. Nesta prova secundária há as novidades do reaparecimento do «velho» Oquei Clube de Portugal e das estreias dos clubes da Parede e de Setúbal.

Jorge Monteiro

ATLETISMO

(Continuação da página 6)

formaram um programa bem fornecido e desusado.

As eliminatórias dos 110 barreiros no concurso de Semana Desportiva do jornal «O Mundo» disputaram-se em 9 de Março e a final uma semana depois. A expectativa era grande, esperando uns que Gabriel Ribeiro mantivesse vantagem, vaticinando outros a consagração de um novo, Prestes Salgueiro, cujo prova eliminatória causara sensação. A corrida foi rijamente competida, triunfando Ribeiro em 18 s., com avanço aproximado de dois metros.

No campeonato escolar, Gabriel Ribeiro, estudante de Medicina, confirmou a superioridade sobre o rival, que era aspirante de Marinha, em 17,8 s.

Na prova olímpica nacional, Salgueiro logrou a desforra, classificando-se em 18,2 s., seguido por

Xavier de Araújo e Gabriel Ribeiro; este tempo figurou na tabela da Federação Portuguesa como mínimo nacional, o que equivale a não considerar homologados os dois tempos precedentes de Ribeiro. Não possuímos elementos para esclarecer o problema, que nos limitemos a apontar como sintomas característico do período tumultuoso que seguiu esta época.

A já lenta vez referida cisão Comité-Federação, apoiado o primeiro pelo Sporting e a segunda pelo Internacional e Benfica, deunos, em 1914, dois campeões de barreiras, respectivamente Gabriel Ribeiro em 19,6 s. e Jaime Bordalo em 18,6 s.

A prova mais importante da temporada foi o campeonato universitário, que proporcionou um novo duelo Salgueiro-Ribeiro, decidido com a vitória do primeiro em 17,2 s., novo recorde nacional, tendo o segundo cedido no quinto barreira,

Comentarios

Transferências

A Federação de Futebol comunicou que reservava o mês corrente para a recepção dos pedidos de transferência dos jogadores seus filiados. Isto quer dizer que acabou a época activa dos praticantes da modalidade, mas se reacendeu a actividade dos dirigentes clubistas, no anseio de reforços para a sua representação.

Os «patrões de pesca», como chamavam a estes especialistas os nossos vizinhos espanhóis, têm hoje a sua missão dificultada pelas leis portuguesas, mas a verdade é que, se o peixe grosso não cai facilmente na rede, o peixe miúdo escapa-se com frequência pelas malhas legais e vem voluntariamente morder o anzol.

Este problema das mudanças de um grupo para outro tem feito correr rios de tinta, apreciado e defendido em aspectos antagónicos; querem uns que sim, querem outros que não e o acordo nunca será realidade. Nem pode ser, porque ambos os critérios são razoáveis.

Parece-nos que a questão deve considerar-se ligada à situação dos interessados, amadores ou profissionais, porque a fórmula solucionatória a aplicar a uns e outros deve ser diferente.

O amador verdadeiro, ao contrário do que sucede, devia ter plena liberdade de dispor de si; mas o amador verdadeiro é quase um mito no mundo da bola; o profissional deve estar ligado por um contrato que estabeleça direitos e obrigações e, assim, só poderá agir em conformidade com as cláusulas firmadas.

O regime português actual é uma consequência necessária da fantasia do nosso amadorismo futebolista. Enquanto só houver amadores, do averiguado quilate dos existentes, aos quais a própria federação, zeladora da lei, paga acultados prémios em dinheiro e salários perdidos por dias que não perdem, as transferências, na salvaguarda do legítimo direito de viver das agremiações menos poderosas, não podem ser libertadas.

Os fins da educação física

A importância da actividade física na educação e desenvolvimento da juventude é, ao presente, apoiada por um entusiasmo universal, que reveste de enorme responsabilidade o critério de orientação a seguir no futuro.

Nun trabalho apresentado no recente Congresso de Ginástica, o Inspector de Educação Física do Ministério da Educação britânico, sr. E. Major, sugeriu os seguintes objectivos à educação física contemporânea:

1.º Cultivar a saúde positiva. A educação física contribui para a saúde, pela sua própria essência, pois da participação da actividade física alegre resulta o crescimento normal da criança e do adolescente, por aumento de força, resistência, agilidade e vigor. Os exercícios e as actividades que são acompanhados dum sentimento de prazer redundam nas melhores reacções possíveis dentro dos campos fisiológico e psicológico. A aquisição de aptidões que poderão ser utilizadas nas horas de divertimento contribui também para o desenvolvimento e manutenção da saúde mental e estabilidade emocional.

2.º O desenvolvimento de corpos fortes, bem constituídos, mecanicamente correctos e bem aptos para suportar os seus cargos e a criação de hábitos de fiscalização e economia inteligentes que agirão contínua e inconscientemente em situações variadas e durante toda a vida.

3.º A criação e manutenção de altos ideais de vida higiénica juntamente com o aproveitamento útil e sábio das horas vagas e o gosto pela actividade física para o próprio bem-estar.

São bem características da mentalidade inglesa estas afirmações, porque dentro do seu critério têm inteiro cabimento a actividade desportiva, complemento indispensável na educação física do povo britânico.

quando trazia já uns três metros de alrso.

No ano seguinte, entas de partir mobilizado para a campanha do Niasso, onde devia ter comportamento heróico com relevo para as suas faculdades de desportista, Prestes Salgueiro venceu uma vez mais, no campeonato federativo, em 17,6 s.

Durante o período de duração da Grande Guerra, resumida a actividade do atletismo ao concurso organizado pelo Sport Lisboa e Benfica, as provas de barreiras foram disputadas por corredores não

especializados, inscritos pela necessidade de conquista de pontos para posse das taças conferidas aos clubes melhor apetrechados na classificação geral.

Resumiremos, por isso, o comentário dos concursos do Benfica, até à fundação de F. P. S. A., à simples enumeração dos vencedores eventuais: em 1918, Fernando Nápoles; em 1919, Solano de Almeida (22 s.); em 1920, Correia Leal (22,2 s.); em 1921, Xavier de Araújo (20,4 s.).

(Continua)

Salazar Correia

Não se fará por agora a corrida velocipédica Porto-Vigo-Porto. Mais um adiamento com os espanhóis como figurantes.

Entretanto, aproveitou-se para uma prova de pista entre concorrentes do F. C. do Porto, Benfica Académico, Desportivo da Piedade, etc.

E' alguma coisa...

Sempre chegaram ao Porto os marroquinos Driss e Djilali para representar o Académico. Os elvinhos ficam assim com uma excelente equipa, se lhe juntarmos Manuel Cardoso e Jerónimo Santo.

E' preciso animar um pouco o ambiente. As provas de estrada desapareceram, quase pode dizer-se. Pois vamos para a pista, porque o público gosta!

O Vasco da Gama jogará nesta cidade contra os brasileiros do basquetebol e oxalá seja feliz na organização. O público do Porto precisa de corresponder a tamanha iniciativa. Além disso, ver basquetebol de melhor categoria, com certeza muito superior ao basquetebol espanhol. E' com os bons jogadores e excelentes equipas que se aprende. E pode ainda esperar-se que os vascaínos lutem por um bom resultado...

Estão no ar algumas novidades interessantes. Mas não as queremos transmitir por agora aos leitores. E' preferível assim. Deixemos trabalhar os clubes.

Vai ser prestada uma significativa homenagem aos campeões nacionais de andebol. Bem dignos são dele. Entre os atletas que foram campeões pela primeira vez — Madureira, Campos, Paulo e Veiga — alguns há que já o foram vários anos: Fabião, Alberto, Raul, Pires, Pichel e outros. Mas todos merecem o aplauso dos amadores desta cidade. O seu recorde é bonito...

Continua a falar-se em piscinas! Menos em natação. Claro que uma coisa sem a outra... No entanto, nem natação, nem piscinas, por agora. Falar — falo-se. Escrever — escreve-se. Mas o que queremos era a piscina...

Em Estádio! O Porto continua para equi, esquecido, sem iniciativa e sem ter um raio de luz que o anime e encaminhe na estrada do progresso.

Passou mais um ano, mais uma época e tudo ficou em 1947 como no ano de 1946. Lamentável coisa...

Temos ou não temos, na pista do Lima, o Portugal-Espanha de atletismo? Se os nossos amigos es-

Stadium

na Capital do Norte

Questões de voleibol...

Insistem alguns admiradores da simpática modalidade em pedir ao público e aos clubes que se interessem pelos jogos. Na última semana, por causa de um desafio Leixões-Porto, aconteceu assim mesmo.

No entanto, como há-de o público interessar-se pelo voleibol se tudo correr como em Matosinhos? Podem os desportistas dedicar-se a jogos que a paixão deturpa, que a parcialidade e a falta de senso estragam por completo? Nada. Assim não pode ser.

Estes jogos, como o Leixões-Porto, de Matosinhos, são indesejáveis, e será bom que alguém olhe por eles com certo cuidado. Se tal não acontecer, é melhor que o voleibol deixe de praticar-se e também que o público não seja chamado para os campos.

Veremos o que faz a Associação respectiva. Estamos habitados a muitas atitudes aborrecidas, às vezes verdadeiramente desoladoras, mas acreditamos em que os dirigentes da modalidade se mostrem capazes de cortar o mal pela raiz. Se o não fizerem, perder-se-á mais cedo ou mais tarde todo o trabalho produzido.

De clubes sabemos nós que estão dispostos a abandonar. Com razão? Não se aplicando a justiça, por certo será razoável o seu abandono. Obrigam os atletas a enxovalhos e contribuem para alimentar ódios e para o descrédito do próprio clube.

Deste modo, não poderá condenar-se a ideia de abandono se as coisas, os excessos, queremos dizer, não forem reprimidos convenientemente. Quem viu voleibol pela primeira vez, em Matosinhos, não tem vontade, com certeza, de continuar. A não ser aqueles que tudo fizeram para complicar o espectáculo. Esses continuarão enquanto os não impedir quem de direito...

A propósito de Gastão...

Não é segredo. Está no Porto e pretende alinhar pelos campeões nortenhos o jogador Gastão, do Grupo Desportivo da «Cuf». O jovem rapaz habilitado já há meses nesta cidade, onde se colocou, por haver conseguido um emprego público, na Câmara Municipal, emprego que o defenderá com certeza de complicações, mesmo que um

penhóis baterem o pé, — não temos mesmo!

Se todos sabemos que é assim, o melhor é não gastar mais palavras. Talvez uma equipa de outro qualquer país se não importasse de correr no Estádio do Lima...

Gostaríamos de ver a equipa Fernando Moreira-Onofre Tavares na pista. O F. C. Porto tem feito Onofre-Aniceto e Moreira-Dias Santos e também se compreende a ideia: classificar as duas. Mas nós gostaríamos de ver o conjunto. Moreira (que também é roldador) teria em Onofre um bom ajudante para as chegadas...

dia resolve abandonar o futebol.

O caso seria vulgaríssimo, mais vulgar por certo em relação a outros que já se esqueceram lamentavelmente e nós relembramos hoje: — o abandono de Carlos Pereira e do falecido e simpático Angelo, numa altura difícil para o F. C. do Porto, homens que a «Cuf» recrutou sem se importar muito com a situação esportiva da principal equipa da capital do Norte. Outros foram do Porto para o Lumiar A, como Arnaldo e Armando Carneiro, mas os dois primeiros, especialmente o médio internacional, aniquilaram por largo tempo as possibilidades da equipa azul-branca — que nunca mais teve um momento de tranquilidade.

Ora, sendo assim, não vemos motivo para uma discussão larga sobre o ingresso de Gastão, de mais a mais vendo-se que o rapaz pode progredir como praticante e até como funcionário de um organismo público. A «Cuf» pode queixar-se agora, mas bem mais razões leve para isso o F. C. do Porto aqui há uns anos. A menos que já se não queira recordar o passado ou se pretenda ser egoísta...

Fabião

Feliz do clube que for servido por atletas como Henrique Fabião. O excelente extremo-esquerdo da equipa de andebol do F. C. do Porto, 8 vezes campeão de Portugal — tantas como o seu clube! — tem demonstrado extraordinariamente a sua classe e o seu amor à equipa que veste, impondo-se dentro e fora do campo a camaradas e adversários.

Fabião, amador puro, chega a sacrificar-se para que a sua equipa e o seu clube correspondam, nunca desistindo ante qualquer contrariedade. Quando o F. C. do Porto abandonou a prova, o ano passado, após uma lamentável série de atitudes que o feriram, Henrique Fabião foi dos primeiros a ter pena de desistência. No entanto, disciplinado, sempre correcto, achou que à direcção do seu clube cumpriria decidir em último lugar e conformou-se.

Mas Fabião é um combatente. Não desiste. O F. C. do Porto conta com este admirável jogador e não menos admirável dedicação em todos os momentos. Há pouco tempo, Henrique Fabião dizia-nos:

— Ainda quero ser novamente campeão de Portugal. Vai ver...

E foi mesmo. Em Coimbra, o melhor extremo-esquerdo que temos possuído no andebol clube conduziu a equipa azul-branca, de que é capitão, para uma vitória brilhantíssima e reconhecida pelos próprios adversários. Marcando 4 des 6 bolas e jogando como só ele sabe, Fabião procurou cumprir com a sua promessa.

Henrique Fabião não pode ser visto só como atleta. O jogador trabalha, ajuda chefes de secção e dirigentes, quando é preciso. E' um colaborador constante, nunca faltando com o seu precioso conselho, com os seus ensinamentos. Compreensivo, desportista de melhor categoria, Henrique Fabião é amigo de todos os seus colegas, e se algum atrito surge, logo o resolve ou elimina.

Já se tem pensado em Henrique Fabião para dirigente do F. C. do Porto. Mas Fabião sente que tem tempo. Por enquanto, trabalha para dar títulos ao seu clube. Henrique Fabião não é jovem, mas não é velho. E' jogado como alguns leitores já vieram...

Acabaremos como principiantes. Felizes dos clubes que forem servidos por desportistas como Henrique Fabião. Nervos de aço, dedicação permanente e classe inimitável, fazem dele um dos bons ídolos de um clube que se chama F. C. do Porto.



A homenagem aos campeões mundiais de oquei em patins foi altamente simpática e merecida. Compareceram as entidades oficiais, dirigentes, jornalistas, admiradores dos valorosos campeões. Apresentamos dois grupos: à direita a mesa de honra, e à esquerda os vencedores e vários dirigentes

NO PORTO



A chegada do vencedor dos 400 metros barreiras



O esforço final da prova dos 800 metros!



Sampaio Peixoto, destacando-se, ganha os 200 metros. A seguir, a equipa de 4 x 400 do Académico, que triunfou nas estafetas



Em Braga, foi recebido com muito entusiasmo o campeão nacional da 2.ª Divisão. Como se vê, o guardaredes Salvador, é abraçado por um dirigente. Em baixo: a equipa



O Benfica triunfou na «Taça Portugal». O popular clube, todavia, perdeu 1.0 com o F. C. do Porto, de cujo jogo damos duas fases

